

**DO CORPO AO TECIDO: UMA EXPERIÊNCIA COM JOVENS DO  
8º ANO NO COLÉGIO ESTADUAL BENTA PEREIRA**

**Álvaro Manhães**  
**Amanda Mendes Ferreira**  
**Julia Magalhães de Mattos**  
**Mateus Gonçalves**

**Campos dos Goytacazes, RJ**

**Abril / 2024**

## **DO CORPO AO TECIDO: UMA EXPERIÊNCIA COM JOVENS DO 8º ANO NO COLÉGIO ESTADUAL BENTA PEREIRA**

**Álvaro Manhães**

**Amanda Mendes Ferreira**

**Julia Magalhães de Mattos**

**Mateus Gonçalves**



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons – Atribuição – Não Comercial 4.0 Internacional. Isso garante a permissão do compartilhamento e da adaptação deste material, para fins não comerciais, desde que seja dado o devido crédito aos autores originais e sejam distribuídos sob os mesmos termos de licença do produto original.

**Campos dos Goytacazes, RJ**

**Abril / 2024**

**RESUMO:** Este artigo traz a experiência da construção de um tecido que foi pintado pelos educandos do 8º ano do Ensino Fundamental, através de aulas de teatro que foram desenvolvidas ao longo do ano de 2023 no C.E. Benta Pereira, localizado em Guarus, subdistrito de Campos dos Goytacazes, RJ. O tecido foi construído a partir das experiências dos educandos durante as aulas, na intenção de tornar material e físico o aprendizado que foi constituído por eles durante as aulas de teatro. Foi usado como metodologia principal o Teatro do Oprimido (TO), desenvolvida pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal, que através de suas técnicas, nos ajudou a construir possibilidades de um despertar crítico e criativo constituído por eles durante as aulas. Essa experiência só foi possível devido a bolsa de iniciação à docência, Residência Pedagógica, oferecida pelo Instituto Federal Fluminense Campus Campos centro, que nos possibilitou a oportunidade de estar atuando semanalmente em sala de aula.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tecido; Teatro do Oprimido; Residência Pedagógica

**ABSTRACT:** This article brings the experience of constructing a fabric that was painted by students in the 8th year of Elementary School, through theater classes that were developed throughout the year 2023 at C.E. Benta Pereira, located in Guarus, subdistrict of Campos dos Goytacazes, RJ. The fabric was built based on the students' experiences during classes, with the intention of making the learning that they learned during theater classes material and physical. The Theater of the Oppressed (TO) was used as the main methodology, developed by the Brazilian playwright Augusto Boal, who, through his techniques, helped us build possibilities for a critical and creative awakening created by them during classes. This experience was only possible due to the teaching initiation scholarship, Pedagogical Residency, offered by the Instituto Federal Fluminense Campus Campos centro, which gave us the opportunity to work weekly in the classroom.

**KEYWORDS:** Cloth; Theater of the Oppressed; Pedagogical Residency

Este material traz a experiência da construção de um tecido que foi pintado pelos educandos do 8ºano através de aulas de teatro que foram desenvolvidas na turma 801. O tecido foi construído a partir das experiências dos educandos durante as aulas de teatro ao longo do bimestre, na intenção de tornar material e físico o aprendizado que foi constituído por eles durante as aulas.

Essa experiência só foi possível devido a bolsa de iniciação à docência, Residência Pedagógica, oferecida pelo Instituto Federal Fluminense Campus Campos centro, que nos possibilitou a oportunidade de estar atuando semanalmente em sala de aula no Colégio Estadual Benta Pereira, local de atuação da bolsa, localizada no subdistrito de guarus em Campos dos Goytacazes.

Este arquivo traz, além desta apresentação, uma escrita sobre como foi pensado este produto, dicas de como desenvolvê-lo em sala de aula, um relato de experiência de como foi desenvolvido com a turma 801 e as referências.

### **O produto educacional (dialogando com a fundamentação teórica).**

Durante uma visita técnica da Residência Pedagógica, estivemos presentes em uma exposição no Museu de Artes do Rio (MAR) chamada: “Um defeito de cor”, e nos deparamos com grandes tecidos marcados com histórias, resistência e ancestralidade. A partir disso, surgiu a ideia de construir um tecido com os alunos do Benta Pereira que imprimisse a realidade e história deles, buscando uma forma de materializar essa realidade, para que eles se vissem e vissem a história dos colegas.

Inicialmente, a proposta para o produto educacional, era trabalhar através da metodologia do Teatro do Oprimido, formas de aproximar a realidade deles com as aulas, inserindo, a partir dos jogos e exercícios do autor Augusto Boal trazer essas referências, saberes e a culturas afroancestrais, para que ao final eles pudessem materializar esses saberes no tecido.

A turma acompanhada por nós, é uma turma composta majoritariamente por adolescentes negros(as), assim como a maioria da população do distrito de Guarus, onde a escola fica localizada. Durante as aulas, pudemos observar a dificuldade que os alunos tinham de se enxergar enquanto pessoas negras. Entendemos o quanto é importante que desde jovens esses educandos possam se reconhecer, e para isso é necessário que conheçam a sua cultura, para poder a partir disso criar formas de construir sua própria identidade, a ideia do tecido é que os adolescentes possam se expressar após se reconhecerem.

Muitos desses adolescentes moram em zonas periféricas, e tem contato constante com diversas violências e guerras entre facções. Isso se apresentou muito durante os nossos encontros, e acabamos tendo que mudar um pouco a rota do nosso planejamento. A intenção era aproximar a realidade deles as aulas, e a realidade que nos deparamos constantemente, foram falas e comportamentos frequentemente ligados a violência.

A metodologia teatral que nos possibilitou essa aproximação entre: escola x realidade dos educandos, foi a metodologia do Teatro do Oprimido (TO) “O Teatro do Oprimido é bom porque permite que a gente aprenda tudo que já sabia” (2019, p.168), dessa forma, a ideia principal dessas aulas, era fazer com que os alunos aprendam sobre o que eles já viviam, mas que muitas vezes acabamos não refletindo e nos dando conta da dimensão. O TO nos proporcionou essas experiências, pois através de suas técnicas, foi possível trabalhar em sala de aula o pensamento sensível e crítico dos educandos, para a partir disso, conseguir despertar a criticidade e a imaginação dos mesmos a partir do contato com suas próprias realidades.

### **Dicas importantes para a utilização do produto**

- É necessário que o processo até a pintura do tecido seja realizado. Apenas a pintura do tecido não é de fato o produto educacional, mas sim a materialização dele.

- É importante estimular nos educandos o pensamento crítico durante as aulas,
- Durante os jogos, é necessário ter momentos de escuta dos educandos, para que eles possam se expressar e falar sobre o que está sendo realizado. A importância maior está nesse diálogo entre os educandos, pois é nele que está o material que será pintado no tecido.

### **Relato de experiência**

Quando pensamos em um produto educacional, imaginamos que este produto precisava auxiliar de alguma forma na aprendizagem dos educandos, mais do que isso, mas que também de alguma forma possa contribuir para o pensamento crítico e sensível desses jovens. Pensando sobre isso, buscamos criar um produto que conversasse com a realidade da sala de aula, a realidade que encontramos quando nos deparamos com uma turma que nunca havia tido contato com aulas de teatro.

Durante as aulas trabalhamos através da linguagem teatral elementos muito importantes para a construção de pensamento crítico, para isso foi usado jogos teatrais, exercícios com o corpo e durante todo o processo buscamos usar a metodologia do Teatro do Oprimido.

A turma nunca havia tido contato com aulas de teatro e possuía pouca intimidade com essa linguagem, por essa razão, inicialmente, os educandos apresentaram muita dificuldade em executar os jogos que foram propostos durante as aulas. Buscamos com isso, iniciar um trabalho de apresentação da linguagem teatral através dos jogos teatrais, focando nos jogos de atenção, foco, imaginação, agilidade e trabalho em equipe, para que pudessem aprender a jogar com o corpo, entendendo que todo o corpo é uma ferramenta importante de aprendizado.

Percebemos durante a realização dos jogos, a necessidade dos educandos em falar sobre as suas vivências. Em todos os jogos, grande parte da turma, relatava e apresentava uma questão de violência relacionada ao seu cotidiano. Sentimos que deveríamos abrir um maior espaço para que pudessemos debater sobre essas questões.

Para isso, propusemos um exercício coletivo para entender as percepções deles sobre as violências que eles vivenciavam. Em roda, deveria dar um passo à frente daquele que se identificasse ou já tivesse vivenciado algumas das situações que iam sendo ditas. Essas frases, se tratavam de cenas cotidianas, mas que de alguma forma, para alguns, despertam sentimentos diferentes, como: ter medo de andar na rua, se sentir perseguido em lojas, se sentir inferior por conta do seu tom de pele etc. Muitos alunos se identificaram, e isso nos trouxe a possibilidade de conversar com eles sobre essas questões sociais que permeiam a vida deles.

Pedimos para que escrevessem em uma folha, alguma situação que tenha vivido que tenha lhe causado algum incômodo. Apesar de não especificarmos que os incômodos deveriam estar ligados a causas raciais, muitos relatos e incômodos surgiram desse lugar. Relatos sobre ser negro e ter sido seguido em loja, ter sido acusado de roubo injustamente, medo de andar na rua, piadas com relação ao cabelo, violência policial e estereótipos por conta da cor da pele. Alguns alunos comentaram sobre alguns relatos terem sido “pesados”.

Ficamos bastante surpresos ao lermos os relatos, não pelo conteúdo em si, mas por ter visto o quanto eles conseguiram se abrir para falar sobre essas situações. Em aulas anteriores, muitos alunos não conseguiam dar conta de enxergar esses incômodos, e após ler os relatos escritos por eles, percebemos que eles já conseguiam identificar essas questões e se sentiram confortáveis em compartilhar com a turma esses relatos.

É de extrema importância compartilhar esses sentimentos e essas situações com os outros colegas, de certa forma, gera uma sensibilização e uma identificação com as situações, criando um espaço de debate coletivo a partir da própria vivência e contexto social deles. Muitas dessas histórias se cruzam, e simbolicamente se cruzaram no jogo. De acordo com Petit e Gauthier:

“...mudanças "que afetam as práticas sociais nos contextos de inserção de cada um" um processo de autoconscientização que acontece geralmente pela autoanálise e análise coletiva das implicações que se dão nas oficinas, pelo fato de construirmos pensamento/conhecimento juntos e assim descobrirmos as nossas próprias costas, ou como diz Gauthier (2005, p. 269), graças à "intuições repentinas, que só podem acontecer na proximidade física das energias mobilizadas pelo pensar juntos."(PETIT, 2015, p.182)

Essa escrita, propôs uma autoconscientização das vivências deles do dia a dia, e puderam compartilhar em forma não só de texto, mas em forma da visualidade da imagem que foi criada a partir deste relato escrito por eles. Entender que imagem também pode ser lido com um texto tem sido um desafio interessante de realizar com eles.

A partir da técnica do teatro imagem, dividimos a turma em grupos e cada grupo teria que sortear algum desses relatos e pensar em como montar uma imagem a partir do que estava escrito, transformando a palavra em imagem. No teatro imagem (TO), são estimuladas formas de percepções não verbais, sem o uso da palavra (BOAL, 2009). Usando o corpo, como comunicador. Eles tiveram algumas dificuldades de pensar a imagem sem movimento e sem palavras. Foi necessário, trabalharmos de forma ainda mais contínua o uso da imagem como comunicador, até que eles conseguissem compreender que o corpo também comunica, mesmo sem o uso da palavra.

Pudemos enxergar essa mudança na percepção dos educandos quando realizamos a técnica do Teatro Jornal em aulas seguintes, e conseguimos visualizar de forma única como eles passaram a mensagem através da imagem que construíram a partir de reportagens.

As reportagens permitem desmistificar essa falsa neutralidade transformando notícias e reportagens, ou qualquer material impresso, inclusive a Bíblia e atas sindicais, em cenas teatrais (BOAL, 2015). Essas notícias de jornais abordavam temas como: Racismo, intolerância religiosa, Violência policial e Femicídio. As reportagens eram de casos que aconteceram na cidade de Campos. Cada grupo ficou com uma reportagem e foram instruídos a formar esculturas que retratam o que se passava na reportagem que receberam.

Essa atividade gerou bastante incômodo nos educandos, muitos deles vinham perguntar se eram histórias reais, se aquilo realmente havia acontecido, e quando dizíamos que sim eles ficavam bem mexidos, tiveram comentários como: “Que covardia”, “Que pesado”, “parece até mentira”, “não é possível”. Reportagens que vemos cotidianamente no jornal. Alguns se identificavam, como uma adolescente que é umbandista e pegou uma reportagem sobre intolerância religiosa, ou uma outra adolescente negra que ficou com uma reportagem de racismo na escola e

falou “parece minha história”. Um grupo de meninos da turma que fala muito sobre violência, tráfico e drogas, pegou uma reportagem de violência policial que matou uma família de inocentes, e se mostraram muito sensibilizados pela notícia, sem acreditar que aquilo de fato havia acontecido na vida real.

Ao montarem a sua imagem, todos os grupos apresentaram um a uma, enquanto os outros grupos assistiam e tentavam investigar o que estava acontecendo naquela imagem. Debatíamos sobre o assunto, e logo após o grupo que apresentou a imagem lia a reportagem e revelava o que de fato havia acontecido. Muitos não se sentiam à vontade em falar abertamente para todos o que achava que estava acontecendo na imagem, mas ouvíamos eles conversando entre si sobre as imagens.



*Teatro Jornal C. E. Benta Pereira 2023*



*Teatro Jornal C. E. Benta Pereira 2023*

Alguns pontos interessantes sobre esse exercício foi o sentimento que algumas meninas mostraram. Em uma das cenas onde retratava uma menina negra sofrendo racismo na escola, umas das meninas que estavam de fora assistindo gritou “Nós é preta e nós é linda, tem terror nenhum”. Uma outra menina, que é umbandista e costuma ir à escola com as guias no pescoço, se mostrou bastante convicta e orgulhosa da sua religião ao montar as esculturas falando sobre intolerância religiosa, como uma forma de mostrar para os outros o que ela passa.

Durante as aulas e durante as provas que aplicamos na turma, recebemos muitos relatos atrelados a racismo, casos de assédio, violência sexual, e mesmo os

alunos que nunca haviam passado por situações do tipo, conseguiram perceber que muitos colegas ou até mesmo familiares sofreram esses tipos de violências ou preconceito.

Percebemos a importância das aulas de teatro no espaço escolar e de como é necessário trazer para sala de aula a vivência desses alunos, para que consigam formar um pensamento crítico da sociedade em que vivem a partir de sua própria experiência e percepção de vida. Sandra Petit no livro “Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores” traz uma entrevista que deu para a revista Ancestralidades e diz: “a aprendizagem envolve vivências corporais, o recordar experiências envolvendo pessoas negras ou a negritude” (2015) e foi o que buscamos trazer para essas aulas, podendo dar a oportunidade desses jovens, vivenciarem corporalmente a experiência de suas próprias vidas a partir do teatro.

Ao final do bimestre, levamos um tecido, onde os educandos puderam confeccionar e colocar todas as experiências vividas nas aulas de teatro ao longo do ano em um formato físico e material. A pergunta disparadora que demos para eles refletirem antes da confecção foi: “O que o teatro me ensinou?”. Assim, eles puderam ter um espaço, para registrar e expressar o que viveram e aprenderam ao longo de todo ano escolar, e que esperamos, que de alguma forma levem para a vida.

## Referências

BOAL, Augusto. A estética do Oprimido. Geramond: Rio de Janeiro, 2009.

PETIT, Sandra. Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores - contribuições do legado africano para a implementação. EdUECE: Ceará, 2015.

## Apêndices e/ou anexos

### Tecido Confeccionado:



Tecido Pintado pela turma 801 - 06/11/2023